

RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA EM FUNDAMENTOS DO DESENHO II

DIOGO COSTA SOUSA¹

LISLAINE SIRSI CANSI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – diogopoelzig@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – lislaine.cansi@ufpel.com.br*

1. INTRODUÇÃO

A monitoria acadêmica em tese, constitui uma ferramenta pedagógica de grande potencial para a formação discente, e com o renovado aceno do governo federal e esforços próprios da universidade, sua aplicação na UFPel vem proporcionando sua aplicabilidade de maneira mais incisiva (somente neste segundo trimestre de 2025, foram concedidas cerca de 90 bolsas de monitoria).

Mesmo com esta diligência, infelizmente essa ferramenta de auxílio não possibilita um acesso que contemple um número maior de estudantes, pois o seu recrudescimento, fortalecimento e expansão depende de mais políticas públicas por parte do MEC, CAPES e CNPq.

Confesso que foi uma certa surpresa quando passei de monitoria voluntária, para sua versão bolsista, pois este aporte financeiro sem dúvidas refletiu em uma atuação mais incisiva e contribuiu para que horários e flexibilizações necessárias fossem acatadas e desempenhadas sem grandes ruídos.

Minha monitoria se iniciou efetivamente no dia 03 de fevereiro, e se encerrou em 31 de março de 2025, onde participei em duas turmas distintas da disciplina Fundamentos do Desenho II, ministradas pela professora Lislaine Cansi. Também atuei dando apoio no fechamento de uma turma da disciplina Grafismos na Educação em Artes Visuais, que ocorreu no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, caracterizado por atividades extensionistas sob o título “Um dia de desenho no museu”, com apoio do núcleo educativo. Entretanto, neste relato, o foco será a minha experiência na primeira disciplina citada.

A disciplina de desenho visa a mobilização dos fundamentos de desenho previamente estudados e a compreensão desses saberes de modo mais aprofundado, como a percepção de si e das coisas do mundo, a transferência da tridimensionalidade no espaço bidimensional característico da linguagem referida, a estruturação de composições gráficas, a adequação da materialidade à determinada técnica e a consideração do pensamento da arte contemporânea, referência imagética e conceitual. Nesse contexto, a investigação da linguagem do desenho se deu a partir de três categorias temáticas: cotidiano, natureza e sociedade. A partir disso foi investigado um foco abrangente em subtemáticas mais subjetivas, trabalhos que exigiam uma leitura e elaboração de subtextos, que compeliram os estudantes a elaborarem práticas em desenho embasadas em nuances e sutilezas.

Compreendo como um aprendizado de duas vias, em que ensinamos e somos igualmente ensinados, pois como disse FRIEDLANDER (1984, p. 113), “O aluno-monitor ou, simplesmente, monitor é o estudante que, interessado em desenvolver-se, aproxima-se de uma disciplina ou área de conhecimento e junto a

ela realiza pequenas tarefas ou trabalhos que contribuem para o ensino, a pesquisa ou o serviço de extensão à comunidade dessa disciplina.”. Nestes dois curtos meses de monitoria transcorrida, embora rápida, contribuíram de modo significativo em como hoje reflito sobre o papel docente, as dificuldades, a sensibilidade em dialogar com estudantes em processo de formação.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Durante minha passagem como estagiário era delegado a mim algumas funções elementares assistenciais, que ajudavam a principiar as aulas, como abrir a sala com intuito de alunos já irem adentrando, arejar a sala (a maior parte dos dias que presenciei, o calor prevalecia), limpar quaisquer tipos de excessos de sujeiras visíveis, acender luzes, limpar lousas e ocasionalmente retirar dos armários trancados, o projetor e o seu conjunto de fios e extensões. Realizado isto, aguardava a presença da professora, que sempre foi pontual e terminava a montagem conectando o projetor ao seu Laptop.

Presenciei o desenvolvimento de uma série de ciclos de processos e práticas que envolviam um tema central, cotidiano, natureza ou sociedade. O caminho metodológico das aulas foi amparado na Metodologia Ativa (BERBEL, 2011) em que ao estudante é dada oportunidade para que seja protagonista de sua aprendizagem, a partir do incentivo à participação ativa em sala de aula e desenvolvimento de sua autonomia, criatividade e pensamento crítico; e na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa (2001), em que ações são fundamentadas em três eixos, contextualizar, criar e apreciar. Como proposições houve a criação e uso de sketchbook (diário de bordo) em sala de aula e em casa; saídas de campo no entorno do Centro de Artes e para espaços museológicos da cidade; trabalho final de desenho com proposição de ensino do desenho e exposição pedagógica (a ser realizada em semestre posterior).

Ao longo do semestre era oralmente teorizado utilizando-se da carga de conhecimento, pesquisa e curadoria da professora, estes, comumente acompanhada da projeção e exibição de slides, demonstrando materiais, artistas e processos por meio de imagens e textos de acompanhamentos. Após, ela abria espaço para explicações extras acerca de detalhes, e procedia em ilustrar a atividade correspondente ao conteúdo e sanar dúvidas. Dependendo da extensão e complexidade das atividades e assuntos, por vezes valia-se desdobrar em duas ou três aulas durante o decorrer das semanas.

As aulas (ou ciclos) que participei envolviam uma série de desenhos variando em complexidade de acordo com a profundidade que se queria adentrar. O primeiro foi baseado em conhecimentos acerca de elementos da perspectiva, relacionado à temática cotidiano, em geral a perspectiva de um ponto de fuga. Essa série reuniu cerca de três desenhos distintos, focando em áreas diferentes do conhecimento de representação tridimensional no desenho, mas sempre utilizando-se de recursos gráficos como velaturas e texturização.

O segundo ciclo, voltado à temática natureza e à sociedade, foi o mais complexo e marcante, neste fizemos visitas em dois museus diferentes na cidade, a começar com o Museu Carlos Ritter, com seu acervo rico de vertebrados empalhados e insetos e seus exoesqueletos conservados. Nesse espaço educativo, após mediação local e explicação do conteúdo foram realizados desenhos de observação dos animais expostos, articulando elementos fundamentais da linguagem do desenho, como enquadramento, linha, textura e cor. Em um segundo momento, os desenhos referidos se tornaram referências

para desenhos contemporâneos sobre o tema animais, questionou-se sobre a relação entre humanos e animais no mundo contemporâneo. O segundo museu visitado foi o MALG (Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo). Nesse espaço o tema central foi a mulher e o território, a partir de duas mostras, a primeira intitulada Figurações: pintura de Hilda Mattos, sob curadoria de Lilian Bandeira e Neiva Bohns, e a segunda, Olhar Peregrino: Percursos de Gotuzzo através da paisagem, sob curadoria de Ana Carla de Brito. Da mesma forma, houve visita guiada pelos mediadores pertencentes ao núcleo educativo do museu e proposição de desenho pela professora, exercício que desdobrou-se posteriormente em outro desenho a partir da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea. Durante o semestre 2025/01 esses desenhos abarcaram, junto com a produção do grupo de pesquisa Sei desenhar, uma mostra pedagógica intitulada "O que as mulheres carregam?", no Centro de Artes.

Durante as aulas, a monitoria se deu no apoio pedagógico à professora, no atendimento individualizado discente sobre a teoria e na orientação prática. Houve também o registro fotográfico da produção de todos os discentes.

3. AS ATIVIDADES EXTRACLASSE

No decorrer do período em que atuei como monitor, minhas atividades incluíram o oferecimento de apoio extraclasses, realizado às quintas-feiras, das 17h às 19h. O processo consistia em me dirigir à faculdade, onde ocupava uma sala previamente designada, um ateliê de desenho, e permanecer à disposição dos alunos para esclarecer dúvidas ou auxiliar na compreensão dos exercícios propostos em aula.

Apesar da disponibilidade regular, notei que a procura foi relativamente baixa, com pouca movimentação de alunos. No entanto, havia um ou dois discentes que compareciam com maior frequência e demonstravam engajamento. Para aqueles que buscaram ajuda, procurei adotar uma postura mais proativa, tentando oferecer exemplos complementares, ou mesmo diferentes maneiras de compreender a proposta dos exercícios trabalhados em aula e, quando necessário, executando demonstrações práticas para oferecer outras perspectivas.

Percebi que as principais dificuldades concentravam-se em exercícios envolvendo composições tridimensionais, que demandam maior domínio técnico e um pouco de abstração espacial. Por terem sido alguns dos primeiros atendimentos que realizei, representaram também um desafio significativo para mim, exigindo um repensar didático e revisão de conteúdo para oferecer um suporte mais qualificado.

Com o final do semestre se aproximando, observei uma mudança no perfil da demanda; muitos alunos passaram a buscar a monitoria com o objetivo de recuperar exercícios não entregues anteriormente, tarefas essas, que haviam sido propostas antes de minha integração ao programa. Diante disso, precisei recorrer ao material didático prévio para me inteirar com os conteúdos e assim poder orientá-los de forma adequada.

Além do aspecto estritamente acadêmico, notei que a monitoria também cumpriu um papel importante como espaço de concentração e produção. Alguns estudantes relataram que, em suas residências, fatores como falta de espaço físico adequado, ausência de um ambiente mais silencioso, e sobrecarga de afazeres domésticos os impediam de realizar as atividades com mais foco. Dessa forma, por certo ângulo a sala de monitoria de quinta-feira tornou-se um pequeno refúgio produtivo e de tranquilidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvidas, a experiência foi muito enriquecedora, acredito ser possível constatar uma evolução clara em vários alunos entre os primeiros exercícios e os últimos, mesmo que alguns tenham tido uma dificuldade inicial em entender certos conceitos, ou havia um estranhamento com alguma técnica solicitada.

No começo, senti uma certa hesitação e confusão em relação ao meu papel, nas duas salas, mas isto rapidamente mudou. Alguns alunos tentavam barganhar comigo sobre possibilidades de entregas, como a de querer que um esboço valesse como a entrega final ou justificando o uso de outra técnica por falta de material. Em alguns casos, quando via que a situação era coerente, tentava interceder para mediar uma conversa com a professora; que sempre foi muito aberta e disposta a encontrar um meio-termo.

Por outro lado, não senti nenhuma hostilidade ou condescendência por ser monitor; pelo contrário, o tratamento foi sempre de respeito, e vários até me cumprimentavam como “professor” pelos corredores. Percebi que a maioria das pessoas que participaram das aulas extras de quinta-feira mostraram melhorias substanciais em alguns pontos, como acabamento e compreensão mais aproximada do que foi pedido, o que de certa forma ajuda a dar corpo na defesa de que o acompanhamento contínuo desempenha uma certa diferença.

Por fim, em se tratando de minha formação como docente em arte, aponto o seguinte como percepções significativas: a docência em Arte não se restringe ao conteúdo teórico ou prático, mas também envolve uma postura de cuidado com o espaço, com os materiais e, sobretudo, com os sujeitos em aprendizagem; uma prática docente bem fundamentada metodologicamente promove não apenas habilidades técnicas em Arte, mas também uma formação crítica e sensível, em que os estudantes são autores de seus próprios processos; a docência em Arte demanda o fomento de experiências culturais concretas, que ampliam a bagagem visual, histórica e simbólica dos alunos, o professor de Arte também atua como curador de experiências significativas, que ligam o conteúdo à vida; ensinar Arte é também ensinar a olhar, investigar, representar e reinterpretar o mundo por meio de linguagens visuais, a prática do desenho, nesse sentido, é tanto instrumento de expressão quanto de reflexão crítica; o ensino de Arte é profundamente processual, e o acompanhamento próximo dos alunos favorece a construção de trajetórias mais significativas, o registro visual das etapas é também ferramenta de análise e celebração dos aprendizado.

No final das contas, foi uma grande troca de saberes, e uma experiência que espero ter agregado para os alunos, o tanto quanto foi para mim.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte:** anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BERBEL, Neusi A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina:** Ciências Sociais e Humanas, , v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.
- FRIEDLANDER, M. R. **Alunos-monitores:** uma experiência em Fundamentos de Enfermagem, Rev. Esc. Enf. USP, São Paulo, 18(2):1 13-120, 1984.